

SEGUNDO CADERNO

O melhor
carnaval
apresentado
neste ano foi o
da Mangueira

pág. 8
ARTUR XEXÉO

INÉDITA
PEÇA
ESQUECIDA
DE BRECHT
ESTREIA NA
ALEMANHA

pág. 3



QUARTA-FEIRA 13.2.2013
oglobo.com.br



Território BRITÂNICO

Há três semanas no Rio, o inglês Martin Creed, vencedor do Turner Prize em 2001, cria 50 obras a convite de sua galeria, que quer estreitar laços com o Brasil

AUDREY FURLANETO
audrey.furlaneto@oglobo.com.br

O homem de sandália de plástico, camisa colorida com estampa de tigres e leões e bolsa de tecido cru no ombro direito já expôs oito vezes na britânica Tate, duas vezes no MoMA, em Nova York, e já ganhou o Turner Prize (em 2001), um dos mais importantes prêmios de arte contemporânea do mundo, entregue na Inglaterra, seu país natal. Há quase três semanas no Rio, exceto pela camisa colorida, Martin Creed não fez alarde.

Trancou-se numa casa do Jardim Botânico e lá criou 50 obras que serão expostas pelos cômodos e pelo jardim, apenas amanhã à noite, num evento fechado para convidados. Foi a primeira residência artística de Creed fora da Inglaterra. Nas semanas em que esteve na casa com vista para o Cristo, trabalhou cinco horas por dia criando retratos, pinturas em telas e nas paredes (ou em toalhas de banho que usava ao sair da piscina), instalações de néons pelos jardins e uma sala com balões de ar.

O espaço foi cedido por uma colecionadora, cliente da galeria suíça Hauser & Wirth, que representa Creed. A exposição não marca apenas uma produção inédita do premiado artista para o Brasil, mas é ainda parte do trabalho de sua galeria para se aproximar dos colecionadores e das instituições daqui.

ARTISTA SEM ATELIÊ

A Hauser & Wirth está entre as cinco maiores do mundo, ao lado de Gagosian, White Cube, Pace e David Zwirner. Em seu elenco tem, por exemplo, os espólios de Louise Bourgeois e Henry Moore, além de contemporâneos de peso, como Roni Horn, Dan Graham e Paul McCarthy. No ano passado, a galeria estreou na ArtRio e fechou com a paulistana Anna Maria Maiolino sua representação internacional. Em maio, vai estreiar na SP-Arte, e ainda negocia sua volta à ArtRio. Contratou a paulistana Mariana Teixeira de Carvalho para ser sua diretora por aqui. Foi ela quem organizou a vinda de Creed ao Rio.

O inglês de 44 anos não costuma trabalhar com ateliê — prefere criar obras nos locais onde estarão expostas. Era, assim, o perfil exato para uma residência no Brasil que, enfim, ajudaria a reforçar o contato da Hauser & Wirth com o crescente mercado local.

— Eu nunca havia conseguido ir a um lugar sem preconcepções. Aqui, senti que era um convite aberto — disse ele ao GLOBO anteontem, na casa onde trabalhou. — Não tenho um ateliê em Londres... Até tento ter um (*risos*). Por muito tempo, acreditei que, para ser um artista de verdade, deveria ter um ateliê, mas para mim soa tão artificial. Percebi que é uma perda de tempo trabalhar num ateliê, porque não é real. Agora, tenho só um escritório com uma assistente administrativa e prefiro trabalhar nos locais das exposições.

Ainda assim, Creed não define seus trabalhos como *site-specifics* (termo empregado nas artes para denominar uma obra criada exclusivamente para um espaço). Suas obras podem ser as mesmas ou se valer dos mesmos materiais para se adaptar a vários locais. É o caso, por exemplo, da instalação de balões de ar que criou para a casa do Jardim Botânico. Centenas de balões



Imersão em cores. Creed trabalhou cinco horas por dia para elaborar coloridas pinturas, em paredes e telas, além de instalações de néon

“

“Estar aqui é quase um experimento. (...) Criar uma obra é como entrar no mar: se não nadar, eu morro”

Martin Creed

alaranjados (“Lembram as frutas tropicais!”) vão ocupar um espaço em que o público é convidado a penetrar. Creed já cria trabalhos semelhantes desde 1998, quando, numa exposição na Itália, sem saber que material usar, optou pelo ar (o de dentro dos balões).

Aqui, ele também usou os funcionários da casa onde fez a residência como modelos para retratos. Não são pinturas tradicionais: Creed faz o que chama de *blind portrait*, ou “retrato cego”, em que pinta sem olhar para o resultado, de costas para a tela ou com a mão e o papel dentro de uma caixa fechada.

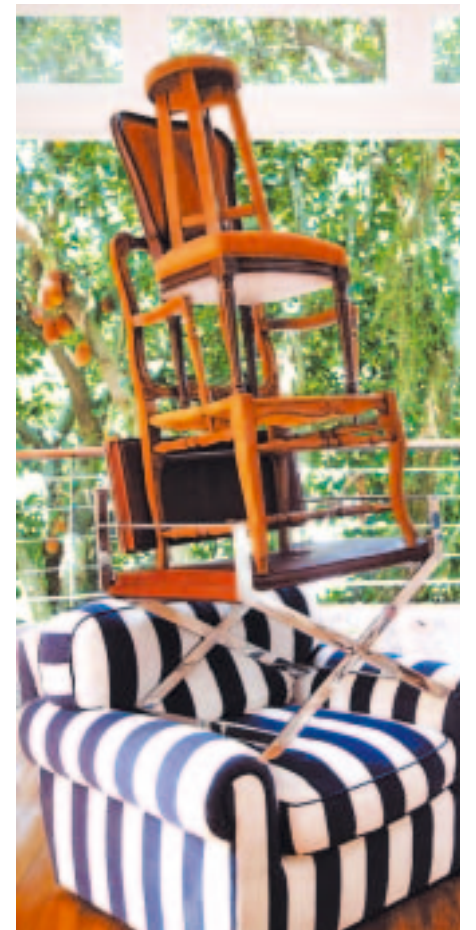
— Quando faço um “retrato cego”, é mais como uma dança: não me concentro no resultado, mas no processo.

Estar “fora de controle” é parte relevante do processo e da apresentação final do trabalho de Creed. Ele diz que

está “cansado das paredes brancas da galeria, ambiente protegido e artificial”.

— Quando sinto que estou sob controle, geralmente não acho o trabalho bom. Estar aqui é quase um experimento científico. Se saio, subo uma montanha e caio no mar, preciso nadar para sobreviver. Criar uma obra é como entrar no mar: se não nadar, eu morro.

No Rio, ele optou por traduzir alguns de seus célebres néons com palavras como “amor” e “amigos” para instalar no meio da grama ou num cantinho do jardim. Em alguns dias, acordou e seguiu com um lápis na mão direita rumo à parede. De olhos fechados, desenhou curvas que, depois, já olhando o desenho, preencheu com tintas coloridas. Empilhou a mobília e criou uma escultura de cadeiras, saiu da piscina e buscou pincéis para colorir as toalhas em



Escultura. Mobília de casa convertida em obra



Pintura. Funcionários serviram de modelos



Néon. Palavras em português soltas no jardim



Hauser & Wirth. A paulistana Mariana Teixeira de Carvalho dirige a galeria suíça no Brasil

que enxugara o corpo.

A representante da galeria no Brasil conta que Creed faria só uma residência artística, mas, tendo criado 50 trabalhos, seria “um desperdício”, diz ela, não expor. Mariana adianta que a Hauser & Wirth quer fazer mostras em instituições brasileiras e já negocia, em sigilo, com um museu paulistano.

O foco da galeria, defende, é “menos comercial” que o de outras gigantes do mercado. Na casa suíça que tem cinco endereços (entre Londres, Zurique e Nova York), o “tempo de cada artista” não responde à lei da oferta e da procura. Daí a liberdade de trazer Creed ao Rio, sem alarde e sem imposições.

— Para uma galeria, estar em várias partes do mundo é sinal de que seus artistas vão circular mais. E queremos que eles circulem pelo Brasil. ●